

# Uma OTAN apoiada pelo Brasil

JORDAN EASON

## Introdução

Desde a invasão da Ucrânia pela Federação Russa, em 24 de fevereiro de 2022, o mundo tornou-se cada vez mais bipolar; uma situação geopolítica na qual, no futuro, as nações serão definidas como aquelas que apoiaram os EUA e o Ocidente ou aquelas que favoreceram a narrativa da Federação Russa. Desde o início desse conflito, o Brasil tem se posicionado cuidadosamente sobre suas implicações políticas, de acordo com sua neutralidade histórica. Embora o Brasil tenha aberto uma exceção durante a Segunda Guerra Mundial, quando se juntou às potências aliadas em agosto de 1942, o país geralmente se posicionou como neutro no cenário político global.

À medida que nações como a República Popular da China fortalecem seus laços com a Rússia, os EUA devem buscar fortalecer os laços com seus aliados, mesmo que isso possa parecer estar fora de alcance. Além disso, os EUA devem buscar novas alianças com países como o Brasil, que rompeu sua neutralidade para inclinar a balança em favor das potências aliadas durante a Segunda Guerra Mundial. Em um cenário geopolítico cada vez mais bilateral, os EUA precisam ser capazes de cooperar e alavancar novos aliados e parceiros.

A natureza homogênea do Brasil, com uma população de mais de 200 milhões de pessoas, abundantes fontes naturais e a segunda maior força aérea e indústria aeronáutica do hemisfério ocidental, apresenta uma oportunidade única como um parceiro potencial inexplorado, pois compartilha valores e histórico semelhantes com os EUA. Os EUA devem buscar maneiras de persuadir o Brasil a se juntar a nós em nossa jornada para inclinar a balança geopolítica em favor da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e criar alianças com nações que valorizam a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa.

## Contexto histórico

Dados demográficos. Muitas pessoas não estão cientes das semelhanças históricas entre os EUA e o Brasil. Ao longo de sua história, ambas as nações exerceram um papel dominante sobre seus vizinhos mais próximos e são habitados por mais de 300 milhões e 200 milhões de pessoas, respectivamente. Além disso, tanto os EUA quanto o Brasil têm sido o lar de diversas nações de povos indígenas e várias colônias europeias, e ambos importaram escravos da África. Ambas as nações atraíram imigrantes com origens étnicas diversas desde a sua criação. As duas

nações enfrentaram desafios devido a essa diversidade, embora de formas diferentes. Por exemplo, os EUA tiveram uma guerra civil e a era Jim Crow, enquanto o Brasil foi a última nação nas Américas a abolir a escravidão em 1888. O Brasil também experimentou uma fase em que as leis de imigração visavam o *branqueamento* ou o “clareamento” da população.

Devido às suas raízes coloniais europeias, as duas nações ainda têm uma forte maioria de pessoas que afirmam ser cristãs. No entanto, as formas de cristianismo variam devido às diferenças dos países que as colonizaram. Em 2022, o Statista relatou que 73% dos americanos afirmaram ser cristãos, e um número ainda maior foi relatado para o Brasil.<sup>1</sup> A maioria dos brasileiros, mais de 50%, afirmou ser católica, enquanto a maioria nos EUA afirmou ser protestante.<sup>2</sup> No entanto, esses valores religiosos levaram ao desenvolvimento de leis semelhantes em cada nação, e os sistemas morais e de valores dessas repúblicas – comumente chamadas de democracias – permanecem surpreendentemente próximos.

Sistemas governamentais Tanto a fragmentação étnica quanto a origem religiosa levaram os EUA e o Brasil a terem governos e processos governamentais semelhantes também. As duas nações operam sob um sistema federal com três ramos semelhantes de governo – governamental, legislativo e judicial – e ambas valorizam o conceito de freios e equilíbrios dentro das ramificações. No entanto, existem diferenças em seus sistemas políticos, incluindo o papel do governo e o grau de poder atribuído a cada um dos poderes. Por exemplo, em comparação com os presidentes dos EUA, os presidentes brasileiros historicamente exerceram maior poder dentro de um sistema com menos freios e equilíbrios para limitar seu poder. Embora esse ponto seja às vezes debatido entre cientistas políticos, os presidentes do Brasil em geral não precisam enfrentar uma oposição unida em seu parlamento, chamado de Congresso Nacional Brasileiro, como o sistema bipartidário dos EUA. Embora o Brasil tenha 29 partidos registrados em 2023, os conflitos no Congresso Nacional se concentram em torno de três blocos políticos, pró-governo, oposição e centristas, com posições variando dependendo da questão.<sup>3</sup> Ainda assim, ambas as nações usam um sistema baseado na divisão de poder, tanto no nível federal quanto dentro de seus respectivos estados e regiões. Talvez a maior semelhança entre ambos os sistemas governamentais seja a presença de uma constituição que reflete o valor da democracia e do Estado de direito.

Uma diferença fundamental entre os EUA e o Brasil pode ser claramente vista em seus valores de individualismo e intervenção governamental. Os EUA têm uma crença de longa data em um governo com limites e no individualismo, enquanto o Brasil tradicionalmente teve um governo mais intervencionista com muitas iniciativas de desenvolvimento econômico lideradas pelo governo. Embora os EUA tenham programas de bem-estar social, talvez até mais extensos do que o

Brasil, os EUA sempre evitaram ter muitas empresas de propriedade nacional. O Brasil, por outro lado, tem empresas como a Eletrobras e a Petrobras, duas empresas patrocinadas pelo Estado que impulsionam as economias de eletricidade, serviços públicos, petróleo e gás no Brasil. As únicas empresas remotamente comparáveis a essas nos EUA, embora possivelmente não sejam tão impactantes em todo o país, são empresas como a Amtrak ou a Tennessee Valley Authority.

No entanto, apesar das diferenças intrincadas nos detalhes, mesmo nas semelhanças como o sistema de direito comum dos EUA versus o sistema de direito civil do Brasil, outros fatores tiveram maiores efeitos no relacionamento entre as duas nações. Por exemplo, a relação direta entre os dois países durante a Guerra Fria influenciou a postura atual do Brasil no mundo.

Conexões históricas. Devido à influência dos EUA na OTAN, um debate sobre o Brasil e a OTAN não poderia começar sem uma compreensão completa do legado da complexa relação bilateral entre o Brasil e os EUA. Esse relacionamento remonta à Doutrina Monroe, declarada pela primeira vez pelo presidente dos EUA James Monroe durante sua sétima mensagem anual ao Congresso em 1823, na qual ele exigiu que as potências europeias da época respeitassem o Hemisfério Ocidental como esfera de interesse dos EUA.<sup>4</sup> Embora essa doutrina tenha sido originalmente bem-vinda no Hemisfério Ocidental, as ações que surgiram dessa doutrina ao longo do tempo tornaram-se alguns dos atos mais controversos dos EUA e trouxeram um sentimento de inferioridade em muitas nações da América Central e da América do Sul. Por exemplo, o apoio dos EUA ao presidente mexicano Benito Juárez provavelmente foi bem-vindo durante a revolta do México contra o imperador Maximiliano em 1865, enquanto as intervenções na República Dominicana em 1904, na Nicarágua em 1911, no Haiti em 1915 e em Cuba em 1962 foram muito mais controversas.<sup>5</sup> Esses eventos, juntamente com outros não diretamente relacionados ao Brasil, tiveram uma grande influência na maneira como o Brasil via os EUA, embora não tenham impedido o Brasil de se juntar aos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Infelizmente, o histórico entre os EUA e o Brasil durante a Guerra Fria ficou ainda mais azedo, devido ao apoio direto que os EUA forneceram ao golpe militar do Brasil em 1964. O apoio dos EUA a uma ditadura militar no Brasil para assegurar que o capitalismo prevalecesse sobre o comunismo em detrimento dos direitos humanos durante a Guerra Fria, levou o Brasil a permanecer neutro ao lidar com conflitos políticos internacionais controversos. Este artigo explorará ideias que podem ajudar os EUA a afastar o Brasil da influência russa e chinesa e realinhar o Brasil com seus valores compartilhados vizinhos no Hemisfério Ocidental.

## Conflitos Contemporâneos e o Brasil

*A guerra é uma coisa feia, mas não a mais feia das coisas. O estado decadente e degradado de sentimento moral e patriótico que pensa que nada vale a pena a guerra é muito pior. A pessoa que não tem nada pelo qual esteja disposta a lutar, nada que seja mais importante do que sua própria segurança pessoal, é uma criatura miserável e não tem chance de ser livre a menos que seja feita e mantida assim pelos esforços de homens melhores do que ela.*

—John Stuart Mill

Recentemente, o Brasil e os EUA passaram talvez por seu período mais politicamente alinhado da história, quando os presidentes Bolsonaro e Trump eram seus respectivos presidentes. Embora suas políticas internas fossem semelhantes, a lógica por trás dessa proximidade foi em grande parte devido à vontade dos dois líderes de envolver suas forças armadas no relacionamento. Muitas nações compartilham metas educacionais e climáticas, mas o compartilhamento de meios e capacidades militares tende a aumentar a proximidade do relacionamento. No entanto, os ganhos alcançados durante esse relacionamento parecem ter desacelerado bastante devido à nova liderança política agora no poder em ambos os países. Recentemente, o presidente Lula Inácio da Silva, conhecido como “Lula”, demonstrou abertamente suas críticas à atual liderança global americana. As alegações do Brasil, talvez válidas, de invasão sem causa provável na história recente da invasão dos EUA ao Iraque na busca de armas de destruição em massa parecem vir acompanhadas da expectativa de que o mundo os verá como uma nação que não cometeu atos errados no passado. Pelo contrário, o Brasil compartilha um histórico semelhante com os EUA em duas áreas principais, a exploração e o genocídio de populações indígenas e seu histórico de escravidão e desigualdade para os afro-brasileiros. Talvez ainda mais relevante seja a falta de reconhecimento de que, como influenciador geopolítico, o Brasil não pode se comparar a uma potência hegemônica como os EUA. Além disso, os brasileiros também não foram surpreendidos por um ataque como o 11 de setembro. O maior impacto do Brasil durante o séc. XXI, em uma escala militar global, foi sua assistência ao Haiti ao lado das Nações Unidas entre 2004 e 2017.

A nova liderança do Brasil parece gostar de comparar a invasão dos EUA ao Iraque à invasão russa da Ucrânia, mas os EUA nunca tiveram a intenção de tornar o Iraque seu. Na reunião de maio de 2023 do G7 (uma organização de líderes de algumas das maiores economias do mundo: Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e EUA) em Hiroshima, Japão, o presidente Lula afirmou: “Tenho repetido quase à exaustão que é preciso falar da paz. Nenhuma solução será du-

*radoura se não for baseada no diálogo. Precisamos trabalhar para criar o espaço para negociações”.*<sup>6</sup>

No entanto, a partir de uma perspectiva ocidental, é muito difícil pensar em entrar em negociações com a Rússia após a invasão de um território que é reconhecido internacionalmente como um país soberano desde 1991. Embora seja possível argumentar que 1991 não tenha sido há tanto tempo assim, o mesmo argumento pode ser aplicado ao Brasil, uma vez que foi somente em 1986 que a atual estrutura democrática do Brasil assumiu o controle. Para a Ucrânia, aceitar essa negociação seria o equivalente à Bolívia invadir o estado do Acre no Brasil (as duas nações têm contestado as fronteiras do estado do Acre por mais de um ano), ou talvez em uma comparação melhor, a França (um membro permanente do CSNU com forças armadas formidáveis) invadindo o estado do Amapá no Brasil para reivindicar parte dele como Guiana Francesa, e depois um estado neutro como a Índia argumentar que o Brasil deveria parar de defender seu território e negociar com um invasor estrangeiro por causa de algumas reivindicações históricas para essas regiões.

Apesar da juventude da república e de sua experimentação com a ditadura e o autoritarismo, o Brasil buscou um assento permanente no CSNU, pelo menos na última década. Essa ambição de reconhecimento global data dos tempos da Liga das Nações após a Primeira Guerra Mundial, quando o Brasil foi um dos primeiros membros não permanentes a aderir. Embora o atual CSNU possa parecer desatualizado devido à sua estrutura pós-Segunda Guerra Mundial, provavelmente não cederá a pedidos de nações como o Brasil e a Índia em sua busca por um assento permanente. Na reunião do G7 de 2023 no Japão, o presidente Lula afirmou: *“Por que o Conselho de Segurança não discute? Porque os que se envolvem na briga são membros. Então, não tem ninguém para discutir paz, porque estão todos envolvidos. São os membros do conselho que vendem armas, são os membros que fazem guerra. É preciso mudar a lógica de funcionamento das Nações Unidas”.*<sup>7</sup> De fato, esses membros da ONU são naturalmente atraídos para os conflitos, dada a sua influência militar no mundo, mas eles não são as únicas forças que causam a guerra no mundo. O Genocídio de Ruanda de 1994, o Genocídio do Camboja de 1975 a 1979, a Guerra Civil da Guatemala de 1960 a 1996 e a Guerra Civil de Moçambique de 1977 a 1992 são apenas alguns exemplos de conflitos que não envolveram diretamente nenhum membro do CSNU.

### **Por que os EUA não deveriam descartar o Brasil?**

O Brasil tem um peso econômico incrível quando se trata de comércio com os EUA. Em 2022, o Brasil foi classificado como o 9º maior parceiro de negociação com os EUA, com as vendas de exportação avaliadas perto de US\$ 53,6 bilhões,

de acordo com o Departamento de Comércio dos EUA.<sup>8</sup> Conhecido como o pulmão do mundo devido à floresta amazônica, o potencial de fontes naturais no Brasil é notavelmente maior do que em qualquer outro lugar do planeta. No entanto, o potencial total do Brasil não para nas oportunidades de negócios e comércio entre as duas nações; o gigante sul-americano tem muito mais a oferecer do que os EUA poderiam imaginar.

Ambas as Forças Aéreas e Espaciais dos EUA (USAF e USSF, respectivamente) podem liderar o caminho para laços mais fortes com o Brasil por meio do setor de aeronaves e naves espaciais. A Embraer, líder industrial em aeronáutica do Brasil, tem bastante prestígio internacional na construção de aeronaves. Além disso, de acordo com o número de aeronaves de combate total em seu inventário, a Força Aérea Brasileira é a segunda maior do hemisfério ocidental. De acordo com o *World Directory of Modern Military Aircraft*, os EUA, a França e o Brasil são os principais fornecedores da Força Aérea Brasileira, enquanto outras nações como Itália, Rússia, Espanha e Suécia são consideradas fornecedores adicionais.<sup>9</sup> Assim, as indústrias aéreas e espaciais brasileiras, especificamente em um contexto militar, oferecem grande potencial para a criação de laços mais fortes com os EUA. De acordo com o *trade.gov*, o Brasil é um dos seis países do mundo que fabrica jatos comerciais.<sup>10</sup> Em 2017, a Boeing tentou adquirir a Embraer por cerca de US\$ 4,7 bilhões, devido a seu reconhecimento internacional como fabricante de aeronaves. O acordo entrou em colapso devido em parte à pandemia e às viagens aéreas que chegaram a uma parada quase total na época. No entanto, o interesse de um fornecedor do setor de defesa americano do tamanho da Boeing demonstra o grande potencial de sua contraparte brasileira. Além disso, o Brasil é uma superpotência regional na América do Sul. Geograficamente, ele faz fronteira com quase todas as nações da América do Sul, tem a força aérea mais poderosa da região e mantém relações relativamente boas com todos os seus vizinhos, salvo, ocasionalmente, com a Venezuela.

Historicamente, o Exército dos EUA teve bases e aeroportos no Brasil usados para projetar o poder aéreo no norte da África durante a Segunda Guerra Mundial, a Marinha dos EUA manteve recentemente uma presença no Brasil, e exercícios militares conjuntos entre o Exército dos EUA e o Exército brasileiro foram realizados recentemente em 2021 (Operação *Culminating*). A Academia da Força Aérea dos EUA e a Academia da Força Aérea Brasileira mantêm uma relação próxima na qual cadetes e oficiais são enviados para ajudar a educar futuros líderes em suas respectivas forças aéreas.<sup>11</sup> Em vez de ser esquecido, esse histórico deveria ser ainda mais alavancado. Embora o Brasil provavelmente não aceitaria outra base dos EUA na região, uma aliança militar mais próxima com o Brasil legitimaria a presença dos EUA na região. Além disso, mesmo que, à primeira vista, o Brasil tenha um

exército que esteja aparentemente atrasado nas corridas armamentistas modernas, suas capacidades não devem ser descartadas em um conflito global.

Com um conflito militar global convencional potencialmente no horizonte (pode-se argumentar que isso já começou, com a invasão da Ucrânia pela Rússia), os EUA devem se preparar para vencer uma guerra convencional. Essas guerras historicamente foram vencidas não apenas ao utilizar os melhores soldados e armas, mas também por ter uma capacidade de produção robusta. Uma aliança com o Brasil, a sétima nação mais populosa do mundo (de acordo com o CIA World Factbook), juntamente com suas fontes naturais e demonstrada disciplina e coragem militar, e academias militares em pé de igualdade com a educação militar profissional dos EUA, forneceria um multiplicador de força substancial para a capacidade de produção de aeronaves dos EUA e aliados e, talvez mais importante, capacidade humana, e representa um investimento fundamental para os EUA.<sup>12</sup>

Além disso, com a marinha chinesa construindo bases no Oceano Atlântico, perto da África, uma aliança com a Marinha do Brasil também pode ser útil no Atlântico Sul. A participação do Brasil nos BRICS (o grupo de economias emergentes que consiste no Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e sua relação possivelmente melhor com nações africanas como Angola e Moçambique também podem ajudar as forças armadas dos EUA na África Austral. Embora muitos considerem os BRICS como um inimigo direto, pelo menos economicamente, os EUA deveria se concentrar em convencer o Brasil, uma das poucas repúblicas verdadeiras da aliança BRICS, a direcionar sua influência para o Ocidente, onde sua civilização e sistema de crenças melhor se alinham. Essas tentativas de outras nações membros do BRICS já ocorreram, como o recente cortejo da China à França, um dos melhores aliados dos EUA.<sup>13</sup> Assim, os EUA não devem hesitar em fortalecer sua aliança com o Brasil para combater a divisão que existe dentro da OTAN em questões como a Ucrânia.

Além disso, devido à postura neutra do Brasil desde o fim da Guerra Fria, o Brasil recebeu uma visão interna de alguns programas militares russos. Em 1994, a Rússia assinou um contrato para fornecer ao Brasil seu primeiro sistema de mísseis antiaéreos Iglá, seguido por mais três vendas.<sup>14</sup> Em 1997, o Brasil estabeleceu um Comitê de Cooperação de Alto Nível com a Rússia, o que levou a uma melhor cooperação nos campos técnico-científicos, inclusive nos setores nuclear e espacial.<sup>15</sup> Em 2003, a Rússia se ofereceu para ajudar o Brasil com sua experiência em foguetes para investigar as causas da explosão do VLS-1 (Veículo Lançador de Satélites) que havia explodido recentemente. Essa assistência culminou com a assinatura de um acordo para transferir tecnologia militar que levou a várias mudanças nos VLS e na sua torre de apoio de lançamento.<sup>16</sup> No ano seguinte, um conglomerado de empresas russas abriu uma empresa no Brasil para lançar satélites

a partir do mesmo centro de lançamento e lançou com sucesso um VLS em 2008. A visão brasileira sobre os setores de mísseis, nuclear e espacial russos poderia fornecer uma inteligência valiosa para os EUA e ajudar os EUA a impedir a criação de centros de lançamento apoiados pela Rússia na América do Sul no futuro.

### **Por que o Brasil sairia da neutralidade?**

O Brasil, que busca reconhecimento global e uma aliança com a OTAN, liderada pela USAF e pela USSF, apresenta uma oportunidade única para que isso aconteça. Com uma capacidade nacional que é mais avançada do que outros aliados da OTAN, pode-se facilmente argumentar que a Força Aérea Brasileira contribuiria grandemente para a aliança. Se a OTAN fizer o movimento sem precedentes de incorporar uma nação do Atlântico Sul como o Brasil, não apenas ajudará a estabelecer o Brasil como uma potência global e trazer nova relevância para seu peso militar no Hemisfério Sul, mas também fortalecerá a popularidade da OTAN junto aos líderes mundiais que ainda estão em cima do muro sobre o conflito na Ucrânia. Além disso, também seria do melhor interesse do Brasil não ter que enfrentar um mundo autoritário se o Ocidente e a maioria das democracias e repúblicas entrassem em colapso (uma premissa extrema, se não fosse por artigos como “There Is No Choice: Russia Will Have to Launch a Nuclear Strike on Europe”, (Não há escolha: a Rússia terá que lançar um ataque nuclear na Europa), do Dr. Sergey Karaganov).<sup>17</sup> Muito provavelmente, a Índia e o Japão podem se tornar os aliados mais fortes do Brasil se o poder global mudar para líderes autoritários, mesmo que a civilização do Brasil se alinhe principalmente com os valores ocidentais. Embora possa ser a seu favor economicamente jogar ambos os lados como um estado neutro, quanto mais o Brasil se alinhar com os valores democráticos, melhor será sua influência na política mundial, optando por seguir seus valores democráticos em vez de oportunidades de negócios com estados não ocidentais. Esta é uma decisão desafiadora, mas no passado, quando chegou a hora da verdade, o Brasil ficou do lado de seus fundamentos democráticos morais e éticos como nação, como fez na Segunda Guerra Mundial.

### **Como chegar lá? O Artigo 6 se aplica abaixo do Trópico de Câncer**

Este artigo propõe que a OTAN continue a fazer alterações em sua estrutura organizacional para melhor se posicionar para o sucesso no futuro diante dos desafios de governos autoritários. Um ponto essencial seria proteger a totalidade do Oceano Atlântico, em vez de somente o Atlântico Norte, com a inclusão de nações como o Brasil. A OTAN poderia conseguir isso, revisando o Artigo 6 do seu estatuto, que limita todas as suas ações à área acima do Trópico de Câncer. O



Artigo 6 atualmente afirma que, para os objetivos do Artigo 5, um ataque armado inclui qualquer ataque

no território de qualquer uma das Partes na Europa ou na América do Norte, nos Departamentos Argelinos da França. Turquia ou nas ilhas sob a jurisdição de qualquer uma das Partes na área do Atlântico Norte ao norte do Trópico de Câncer; nas forças, navios ou aeronaves de qualquer uma das Partes, quando ou sobre esses territórios ou qualquer outra área na Europa em que as forças de ocupação de qualquer uma das Partes estiverem estacionadas na data em que o Tratado entrou em vigor ou no Mar Mediterrâneo ou na área do Atlântico Norte ao norte do Trópico de Câncer.<sup>18</sup>

No entanto, se o artigo acima fosse modificado ou revisado para incluir a proteção para os aliados da OTAN incluindo seus territórios ao sul do Trópico de Câncer, isso aumentaria a influência da OTAN ao mesmo tempo em que abriria a porta para permitir que nações como o Brasil se juntassem. Além disso, nações como o Reino Unido e a França, dois dos parceiros mais influentes da OTAN, provavelmente receberiam bem essa modificação ao Artigo 6, devido a seus territórios no exterior.

### **Outros atores: Índia, Colômbia e França**

Se uma nação como os EUA pretende cortejar o Brasil para se juntar à OTAN, devemos considerar o impacto sobre outras nações. Embora uma mudança geopolítica tão grande tenha impactos no mundo inteiro, os países membros do BRICS em especial devem ser considerados, pois o poder da aliança BRICS mudaria consideravelmente, assim como o equilíbrio de poder na América do Sul. Além disso, impérios tradicionais como a França poderiam ser incentivados a agir ao sul do Trópico de Câncer, o que poderia perturbar as nações africanas e sul-americanas com as quais historicamente tiveram conflitos.

Depois de cortejar o primeiro-ministro indiano em junho de 2023, o presidente Biden deixou abundantemente claro que ele buscaria o apoio das nações do BRICS de forma agressiva, com o objetivo de fortalecer os acordos bilaterais com cada nação membro individual. Apesar das diferenças sobre o tratamento dos direitos humanos dentro dos EUA e da Índia, a Casa Branca lançou o tapete vermelho para reforçar seu apoio à democracia mais populosa do mundo. Quase todos os temas foram debatidos na reunião, e a promoção de valores democráticos claramente prevaleceu sobre as diferenças entre essas duas nações tão diferentes. Embora a Índia seja possivelmente menos como os EUA do que o Brasil, a reunião demonstrou a intenção dos EUA de priorizar valores específicos, como a democracia, sobre outras diferenças, como direitos humanos e nacionalismo interno. Isso

apresenta grandes oportunidades para as possibilidades bilaterais entre duas nações com muito mais em comum, os EUA e o Brasil.

A entrada do Brasil na OTAN impactaria imediatamente a Colômbia se essa nação não se juntasse também. A Colômbia e os EUA compartilham talvez a relação mais complexa, especialmente entre suas forças aéreas, na América do Sul. Como o Brasil, a Colômbia compartilha muitos dos mesmos valores e traria outra nação de fronteira do Oceano Pacífico para o grupo da OTAN. Se a Casa Branca pode olhar para além dos desafios de direitos humanos na Índia e buscar acordos bilaterais mais fortes, também deve estar preparada para fazer o mesmo na América do Sul, em relação ao Brasil e à Colômbia. No entanto, isso poderia causar críticas em casa e em seus vizinhos na América do Sul, mas ambas as nações devem se perguntar se estão dispostas a enfrentar a estrutura autoritária de uma nova ordem mundial se as democracias ocidentais entrarem em colapso na próxima Guerra Fria.

Nações europeias como a França podem inicialmente argumentar contra nações como o Brasil se juntarem à OTAN, devido às suas diferenças percebidas sobre os direitos humanos e a administração da Amazônia. No entanto, ao cobrir seus territórios ao sul do Trópico de Câncer sob o guarda-chuva da OTAN, eles provavelmente estariam mais dispostos a apoiar a ideia, especialmente porque a França já representa uma grande parte da América do Sul, portanto, tecnicamente já pertencente à União Europeia. Assim, pode-se argumentar que essas regiões do mundo já estão incluídas nos debates geopolíticos do Hemisfério Norte.

Por último, as nações da OTAN existentes também votaram recentemente pela inclusão de nações como a Finlândia na OTAN, o que elimina qualquer argumento contra a expansão da OTAN durante um momento de conflito.

## **Conclusão**

Os EUA devem rever sua política na Doutrina Monroe de quase 200 anos, inclusive alianças com países como o Brasil, juntamente com outros aliados importantes. Assim, os EUA poderiam ganhar a lealdade do Brasil em termos de cooperação militar, juntamente com muitas outras nações na América do Sul, ao mesmo tempo em que apresentam o Brasil ao mundo como um ator internacional. Nações como o Brasil já têm influência na Europa, e é hora de eles se juntarem a essas nações em uma aliança. Acadêmicos com experiência em negócios podem ver que a capacidade de permanecer neutro e participar de oportunidades de ambos os lados tem suas vantagens, mas se o Brasil continuar a permanecer neutro, pode nunca ser totalmente bem-vindo pela comunidade internacional como o líder que ele busca tão desesperadamente se tornar.

Ao se juntar à OTAN, o Brasil se tornaria um ator importante na manutenção da paz mundial e ganharia uma credibilidade valiosa com a Europa. Ao convidar

e apoiar a incorporação do Brasil à OTAN, os EUA ganhariam a credibilidade internacional de um ator neutro de longa data e o potencial de cooperação bilateral de uma das maiores nações do mundo. Além disso, o mundo se beneficiaria ao fortalecer uma aliança que está na vanguarda do combate às nações que oprimem a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa. Embora essa grande mudança na política mundial seja um grande desafio, só se pode esperar que essa mudança ocorra antes que seja tarde demais para aqueles que valorizam a democracia e o livre arbítrio. □

## Notas

1. Veera Korhonen, “Religious identification of adult population in the U.S. 2022,” (Identificação religiosa da população adulta nos EUA em 2022) *Statista*, 8 de junho de 2023, <https://www.statista.com/statistics/183817/religious-identification-of-adult-population/>.
2. Statista Research Department, “Brazil: religion-affiliation share 2020, by type,” (Brasil: Participação de afiliação religiosa em 2020, por tipo) *Statista*, 3 de novembro de 2023, <https://www.statista.com/statistics/1066928/religious-affiliation-in-brazil/>.
3. Supremo Tribunal Brasileiro, <https://www.tse.jus.br/partidos/partidos-registrados-no-tse>.
4. National Archives, “Monroe Doctrine (1823), (A Doutrina Monroe).” <https://www.archives.gov/milestone-documents/monroe-doctrine>.
5. Arquivos Nacionais, “Monroe Doctrine (1823), (A Doutrina Monroe).”
6. “Diante de Zelensky, Lula condena a violação da integridade territorial da Ucrânia e uso da força,” *G1*, 21 May 2023, <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/21/e-preciso-falar-da-paz-afirma-lula-em-discurso-durante-reuniao-do-g7.ghtml>.
7. “Após G7, Lula mantém posição sobre guerra na Ucrânia,” *UOL*, 21 de maio de 2023, <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2023/05/21/apos-g7-lula-mantem-posicao-sobre-guerra-na-ucrania.htm>.
8. Market Overview, “Brazil - Country Commercial Guide,” (Brasil – Guia Comercial do País) 4 de dezembro de 2023, US International Trade Administration, <https://www.trade.gov/knowledge-product/brazil-market-overview>.
9. “World Directory of Modern Military Aircraft,” (Diretório Mundial de Aeronaves Militares Modernas) 26 de janeiro de 2024, <https://www.wdmma.org/>.
10. “Brazil - Country Commercial Guide – Civil Aviation,” ((Brasil – Guia Comercial do País – Aviação Civil) US International Trade Administration, 4 de dezembro de 2023, <https://www.trade.gov/country-commercial-guides/brazil-civil-aviation>.
11. Taciana Moury, “Brazilian and US Air Forces Meet in Brasil,” (As Forças Aéreas Brasileira e Americanas reúnem-se no Brasil) *Diálogo*, 13 de janeiro de 2022, <https://dialogo-americas.com/articles/brazilian-and-us-air-forces-meet-in-brazil/>.
12. “Brazil: People and Society,” (Brasil: Pessoas e Sociedade,) CIA World Factbook, 26 de janeiro de 2024, <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/brazil/#people-and-society>.
13. Laura Kelly and Alex Gagitano, “French outreach to China highlights Europe’s divide with US,” (Os contatos entre a China e França destacam a divisão da Europa com os EUA) *The Hill*, 8 de abril de 2023. <https://thehill.com/policy/international/3939129-france-china-europe-divide-u-s/>.

14. Imanuela Ionesco, “Brazil-Russia Military-Technical Cooperation: A Fruit of the Post-Cold World Order,” (Cooperação Técnico-Militar Brasil-Rússia: Um Fruto da Ordem Mundial Pós-Fria) *Military Review*, (novembro – dezembro de 2018), <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/November-December-2018/Ionesco-Brasil-Russia/>.

15. Imanuela Ionesco, “Brazil-Russia Military-Technical Cooperation: A Fruit of the Post-Cold World Order,” (Cooperação Técnico-Militar Brasil-Rússia: Um Fruto da Ordem Mundial Pós-Fria).

16. Imanuela Ionesco, “Brazil-Russia Military-Technical Cooperation: A Fruit of the Post-Cold World Order,” (Cooperação Técnico-Militar Brasil-Rússia: Um Fruto da Ordem Mundial Pós-Fria).

17. Sergey Karaganov, “There is no choice: Russia will have to launch a nuclear strike on Europe (Não há escolha: a Rússia terá que lançar um ataque nuclear na Europa),” *RIA News*, 25 de junho de 2023, <https://ria.ru/20230625/yao-1880235742.html?fbclid=IwAR0gxsPzEp5n69kJTjYO7g1yOlxcE7ZU-tP17tj-SRf8iaSCCXMeZKJzK4I>.

18. Organização do Tratado do Atlântico Norte, “Collective defense and Article 5,” (Defesa Coletiva e o Artigo 5) OTAN, modificado pela última vez em 4 de julho de 2023, [https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_110496.htm#:~:text=Article%205%20provides%20that%20if,to%20assist%20the%20All%20attacked](https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_110496.htm#:~:text=Article%205%20provides%20that%20if,to%20assist%20the%20All%20attacked).

#### **Jordan Eason**

Jordan Eason é bacharel em Estudos de Área Estrangeira pela Academia da Força Aérea dos EUA (US Air Force Academy, USAFA), com mestrado pela Universidade Estadual do Arizona. Ele tem outro mestrado em Tradução e Interpretação pela Universidade de Illinois. Ele foi instrutor e diretor do curso de português na Academia da Força Aérea dos EUA de 2016 a 2018, enquanto estava na ativa. Ele está atualmente completando seu doutorado na Universidade de Coimbra, em Portugal, concentrado na recuperação de clássicos da literatura portuguesa, alavancando o uso de inteligência artificial para aprendizes estrangeiros no contexto militar. Ele também trabalhou como o único especialista no assunto interno para o idioma português (dialetos africanos, brasileiros e europeus) para o Centro Nacional de Língua Estrangeira da Universidade de Maryland. Além disso, atuou como instrutor para o Contrato de Idiomas ICA do Defense Language Institute e como palestrante da Universidade de Michigan.